

## Breves notas sobre o romance *Eva*, de Germano Almeida

SUSANNA RAMOS VENTURA

Germano Almeida é hoje o escritor cabo-verdiano mais conhecido e lido no mundo. No Brasil o autor tem publicado apenas um de seus romances: O testamento do senhor Napomuceno (1997), pela Companhia das Letras livro que recebeu versão cinematográfica sob direção de Fernando Manso em 1996 numa parceria entre Brasil, Portugal e Cabo Verde, com o ator brasileiro Nelson Xavier no papel do protagonista. No entanto, mesmo com a ausência de outras publicações no país, os leitores de Germano Almeida se multiplicaram nos últimos anos e vários trabalhos acadêmicos têm sido realizados nas universidades brasileiras.

Um elenco de romances e livros de contos de autoria de Germano Almeida vem falando sobre as ilhas e o modo de viver de sua gente para leitores que apreciam uma história bem narrada, repleta sempre de humor, permeada de alegria em meio às duras condições de vida retratadas. Ouvimos uma vez do autor a história da escrita de seu primeiro conto, quando ainda muito jovem. Terminado o trabalho no conto, o futuro escritor achou por bem ler o mesmo num serão familiar. Ao final da narração, surpreendeu-se ao ver muitos dos presentes em lágrimas. A história era triste, disse ele, uma narrativa calcada na realidade vivida pelos habitantes das ilhas - dura e repleta de percalços. O impacto produzido nesta primeira “platéia” fez com que o escritor tomasse a decisão de trilhar um caminho de escrita que mostrasse sua terra e sua gente, mas que não os enfocasse sob um prisma fatalista e, sim, falasse sobre os muitos dramas que cercam a existência do cabo-verdiano numa clave que contemplasse o humor e a alegria de viver que, segundo sua visão, são também traços daquela sociedade.

A ilha fantástica (1994), um livro pensado longe de Cabo Verde - quando o autor fazia parte do exército colonial e estava em Angola - e escrito anos depois,

talvez seja a obra em que o autor mais se aproxime deste “ideal anunciado”: contar bem uma história, falar de sua gente e de seus dramas, mas também surpreender pelo humor.

Após a conclusão e publicação de um projeto conjunto com o fotógrafo José A. Salvador, *Cabo Verde: viagem pela história das ilhas* (2003), em que adentrava pela História do arquipélago - História essa recheada por observações pessoais das mais variadas, onde fica sempre evidente o grande amor do escritor por sua terra – Germano Almeida lança em Portugal, em 2006, o romance *Eva*, pela Editorial Caminho.

A narrativa do romance centra-se num longo dia invernal em que dois cabo-verdianos de diferentes gerações - Reinaldo e Luís Henriques - se encontram e vagam por Lisboa, passando em revista as suas relações com a personagem-título, Eva, uma portuguesa que vive em Cabo Verde. Em analepses sucessivas são revistos Cabo Verde, Portugal e todo o período pré-Revolução dos Cravos em Lisboa, e pós-Independência em algumas ilhas de Cabo Verde. Os dois homens falam sobre Eva e, ao recompor as histórias de seus casos amorosos com ela, reconstroem a trajetória da própria Eva, portuguesa, filha de militar, que se abre para a vida no começo dos anos 70 em Portugal. Eva participa das atribulações do movimento estudantil anti-salazarista em Lisboa, apaixona-se pelo cabo-verdiano Luís Henriques e, através dele, por Cabo Verde, para onde acaba por partir e onde constrói uma vida ao mesmo tempo em se realiza construção do país, que acabara de conseguir sua Independência. Uma vez em Cabo Verde, após um período de espera inútil pelo namorado Luís Henriques, que não retornará ao país, Eva se casa com um pacato juiz de direito, Zé Manuel, e torna-se amante de Reinaldo, um jovem jornalista, narrador do romance.

Reinaldo é um “narrador-testemunha” que, ao mesmo tempo assume posição secundária na história e, pela intimidade com os “reais” protagonistas – Eva e Luís Henriques - narra-lhes a trajetória com pequenas limitações à uma quase onisciência. Algumas das características conferidas a Reinaldo reforçam sua verossimilhança de narrador: ele é jornalista de profissão - o que justifica uma certa “bisbilhotice” herdada da atividade; além disso é amante e confidente de Eva, o que reveste de interesse amoroso o por vezes excessivo interesse em saber detalhes do passado dela. A escolha deste tipo de narrador confere um caráter íntimo à narrativa, que se reveste da humanidade da conversa mesmo,

da coloquialidade e do entrelaçar de caminhos de que parece tecida a própria existência das personagens. Embora a figura clássica que representa este tipo de narrador seja a do Dr. Watson de Conan Doyle, o uso que do recurso faz Germano Almeida lembra-nos outro autor, o Somerset Maugham de *O fio da navalha*. Se em Maugham, o narrador é sábio e ao mesmo tempo surpreendido constantemente por um mundo pleno de idéias que não domina completamente, em Almeida ele é jovem, impetuoso e herdeiro de um passado que ao mesmo tempo o redime da responsabilidade de responder ao embate sonho-realidade e ao naufrágio das ilusões político-sociais do período histórico imediatamente anterior e o qualifica para escreva deste passado recente, que fixa na narrativa como um historiador descomprometido com a prestação de contas de um passado em que não esteve como “sonhador de uma sociedade livre, próspera, com oportunidades para todos”. A aproximação com Maugham não se dá, portanto, pelo caráter conferido ao narrador e sim pela habilidade no posicionamento deste que, nos primeiros três quartos do romance, sabe mostrar-se humano e testemunha das trajetórias das demais personagens, sem, no entanto, revelar muito de sua própria humanidade. Reinaldo, que se revela “quase onisciente”, com a proximidade do final do romance vai perdendo este estatuto diante do leitor, que começa a entrever uma espécie de “ponto cego” da visão do narrador, fator que é determinante para o desenlace do romance.

O apuro técnico do escritor revela-se também na precisa arquitetura do texto, em que se destacam a maestria das passagens entre as vozes narrativas, onde o leitor percebe um escoamento, um deslizar entre as falas do próprio Reinaldo e as das demais personagens, especialmente Eva, Luís Henriques e Zé Manel. Ainda no que diz respeito à técnica de construção do romance, destaca-se o emprego das mencionadas e sucessivas analepses temporais, que produzem idas e voltas de diversas dimensões no tempo passado, mas que se encontram imbricadas no presente da narrativa de maneira sutil. Pelo domínio da técnica narrativa, Germano Almeida torna múltiplo e sempre intrigante o presente da efabulação – o longo e alentado dia de inverno em Lisboa.

Eva é um romance pleno de citações literárias: de Garcia Marques a Pablo Neruda; de Kafka a Camus; de muitos poetas caboverdianos. Aparecem também muitas referências a ensaístas políticos e sociais, com ênfase a Amílcar Cabral e seu pensamento – decisivos para a independência de Cabo Verde e para as lutas nacionais de libertação nos demais países africanos de língua

portuguesa. A época vivida na juventude de Eva e Luís Henriques é também revista, emoldurada e pontuada por menções a Mao, Lenine, Rosa Luxemburgo e Sartre, referências no período de efervescência política dos anos 60 e 70. O retrato destas duas décadas vividas em Lisboa por Eva e Luís Henriques, e das décadas seguintes, em que Reinaldo e Eva vivem o caso amoroso em Cabo Verde, se aprofunda e ganha dimensão pela elaboração de um cenário musical que emoldura a vida das personagens: da música instrumental e nacionalista do espanhol Enrique Granados à Grândola Vila Morena - hino da Revolução dos Cravos - passando pelo também proibido Léo Ferré (Os anarquistas de Espanha) e pelas louvações da personagem Luís Henriques ao jazz, “música do caos e da criatividade”, com referências a criadores e intérpretes como Miles Davis e Billie Holiday.

Os ritos públicos são de extrema importância na economia do romance, uma vez que grande parte das ações centrais ocorre em manifestações públicas: no passado tanto o primeiro encontro de Eva e Luís Henriques se dá numa passeata contra o governo português, em que todos os estudantes e transeuntes são perseguidos pela polícia, quanto a separação do casal é prefigurada pela falta de adesão de Luís Henriques às manifestações populares do dia 25 de abril, das quais Eva é entusiasta participante. Décadas depois, o novo par amoroso formado por Eva e Reinaldo se desentende pela recusa dele em participar numa passeata em apoio à causa timorense.

A protagonista Eva se integra e revela completamente no contato com as multidões, na adesão às manifestações que reforçam a confluência entre erótico e político no romance de Germano Almeida, que tece elaboradas teias que unem os aspectos pessoal e coletivo (a realização amorosa e a adesão a causas apaixonantes), fundindo os campos afetivo e social (o desprezo de Eva pelos parceiros amorosos que não aderem aos desafios sociais do momento). Um dos pontos culminantes do romance é a retratação da madrugada de 25 de abril de 1974, vivida por Eva e Luís Henriques em privado, num transbordamento amoroso que ignora a revolução que toma as ruas, figurando uma revolução privada em forma de explosão erótica. No entanto, na manhã seguinte, cientes do que ocorre, os protagonistas tomam caminhos opostos, Eva aderindo à coletividade e a seus desafios, partindo depois para Cabo Verde onde começará uma nova vida, Luís Henriques se afastando da multidão e selando a decisão com a recusa em retornar para sua terra natal. Não pudemos deixar de lembrar

o final de *Manual de pintura e caligrafia*, de José Saramago (1977), em que, na mesma madrugada, os amantes H. e M. assistem da sacada de um apartamento em Lisboa, nus e enrolados num lençol, ao amanhecer e à tomada gradual das ruas pela população em festa. No entanto, o que no romance de Saramago determinará a união dos amantes, no de Almeida causará sua ruptura.

Permitindo uma multiplicidade de leituras, *Eva*, de Germano Almeida é um romance que, com toda a certeza, ficará como um marco na literatura cabo verdiana, inaugurando um período em que, passados cerca de trinta anos da independência, a literatura se volta para a realização de um balanço de ganhos e perdas, em que se misturam sonhos desfeitos e ilusões perdidas a conquistas reais, individuais e coletivas.

### Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Germano. *A ilha fantástica*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O testamento do senhor Napumoceno da Silva Araújo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- \_\_\_\_\_. e SALVADOR, José A.. *Cabo Verde: viagem pela história das ilhas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Eva*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.